



## MARCAS DA AÇÃO EDITORIAL NA SÉRIE GRADUADA DE LÍNGUA PORTUGUESA *MENINICE*

**Ilsa do Carmo Vieira Goulart<sup>1</sup>**  
*Universidade Estadual de Campinas<sup>2</sup>*

### Resumo

Este trabalho insere-se numa rede de produções acadêmicas que se preocupa com a concepção e apresentação dos aspectos concernentes à historicidade dos livros didáticos de Língua Portuguesa, no Brasil. O artigo, aqui apresentado, constitui-se parte de uma pesquisa de doutorado, ainda em andamento, que elege como objeto de estudo a materialidade do impresso a partir da análise dos dispositivos tipográficos e textuais, ao focalizar as ilustrações e os escritos presentes na série graduada de Língua Portuguesa *Meninice*, de Luiz Gonzaga Fleury (1937/1948/1957). No limite de elaboração deste artigo, apresentaremos aspectos denominados de diferenciadores e permanentes que marcam a produção e a intervenção editorial comparando três edições gráficas referentes à primeira edição de 1937, a 86.<sup>a</sup> edição, de 1948 e a 121.<sup>a</sup> edição de 1957, do terceiro livro que compõe esta série graduada de leitura.

**Palavras-chave:** Série graduada de leitura; Intervenção editorial; Dispositivos tipográficos e textuais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, integrante do Grupo de Pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita.

<sup>2</sup> Este trabalho, com algumas alterações e ampliações, foi apresentado no I Seminário de pesquisa: Livros Didáticos de Língua Portuguesa, realizado em outubro de 2012, pela USP e UNIFESP.

## **PUBLISHING ACTION MARKS IN PORTUGUESE LANGUAGE BOOKS GRADED SERIES MENINICE**

### **Abstract**

This work is inserted into a network of academic productions that concerns with the design and presentation of aspects related to the historicity of the Portuguese language text books, in Brazil. The article, presented here, is part of an ongoing PhD research, that elects as object of study the printed materiality the typographical and textual devices analysis, focusing the illustrations and written words of Portuguese language graded series *Meninice*, by Luiz Gonzaga Fleury (1937/1948/1957). On the development limit of the article shows introduced inferential and permanent aspects that mark the production and the publishing intervention by comparing three graphic editions to the first edition of 1937, the 86.<sup>a</sup> edition, of 1948 and the 121.<sup>a</sup> edition of 1957, from the third book that composes this reading graded serie.

**Keywords:** Reading gradedserie; Publishing intervention; Typographical and textual devices.

## Introdução

As séries graduadas de leitura surgiram na escola brasileira em meados do século XIX, tendo como marco inicial os livros de leitura de Abílio César Borges (1824-1891) – Barão de Macaúbas<sup>3</sup>. A partir da implantação da República no Brasil, os manuais escolares foram se integrando, progressivamente, no ensino das primeiras letras. No início do século XX se solidificaram e acabaram por ocupar uma posição de destaque com a institucionalização da chamada “escola graduada de ensino”. Com o objetivo de promover e de estimular a leitura, os livros chamados de *série graduada de leitura* foram adotados em larga escala nas escolas públicas e privadas, em todo o território nacional. Estes manuais didáticos tornaram-se referência no movimento de reformulação do ensino escolar, como um meio de instrumentalização da aprendizagem da leitura e da escrita. (CUNHA, 2011).

Segundo afirma Cunha (2011, p. 156), durante os anos iniciais do século XX, os educadores brasileiros, foram estimulados pelas ações de incentivo do governo, a produzirem livros escolares, aprovando, premiando e adquirindo obras didáticas. Assim, vários professores se mobilizaram para elaborar livros de leitura a serem adotados nas escolas primárias do país, movidos pela preocupação de oferecer um material didático compatível com uma instrução de qualidade. Para a autora, as propostas pedagógicas defendidas pelo ideário educacional brasileiro a partir da década de 1920 e sistematizadas na década de 1930, pelo movimento intitulado *Escola Nova*<sup>4</sup>, apresentavam na escolarização da leitura um foco de atenção e

---

<sup>3</sup> O baiano Abílio César Borges, *Barão de Macaúbas* (1824-1891), trocou a profissão de medicina pela carreira docente e exerceu atividades como educador por mais de trinta anos. Empenhou-se na publicação de obras nacionais, destacando-se pelo pioneirismo na produção de obras didáticas e de livros de leitura destinados à infância e a educação brasileira, “à medida que uma apreciação mais serena e aprofundada da história da educação brasileira ganha corpo, cresce cada vez mais a consciência da importância da contribuição do Barão de Macaúbas.” (PFROMM NETTO *et al*, 1974, p. 170).

<sup>4</sup> De acordo com o diretor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo em 1917, Oscar Thompson, a Escola Nova era compreendida como “a formação do homem, sob o ponto de vista intelectual, sentimental, volitivo; é o desenvolvimento integral desse trinômio psíquico; é o estudo individual de cada

de excelência. Com isso, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*, também, sob inspiração nas ideias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, previa diretrizes para a educação nacional e priorizava o ensino público, obrigatório, integral e laico.

É neste cenário político e educacional que a autora considera que o livro escolar, especificamente o livro de leitura, tenha se configurado como uma “prática cultural”, que fora ressignificado para que, deste modo, pudesse incluir-se, cada vez mais, da vida cotidiana dos alunos, dos professores e da escola. Pois, a partir da inserção do livro de leitura no espaço de ensino, o seu consumo se consolidaria ao fazer-se objeto de uso personalizado, com lugar privilegiado nas aulas de Língua Portuguesa.

No período entre as três primeiras décadas do século XX, os livros de leitura tiveram como característica em sua composição as marcas de uma autoria decorrente da atuação dos professores paulistas, que assumiram o papel de autores de livros didáticos, além da função no magistério público. Autores que se destacaram por apresentar uma produção imbuída de um ideário de reconstrução do ensino, guiados pela concepção de formar bons alunos e bons cidadãos republicanos e patriotas; uma representação que se tornaria *estandarte* da República, podendo-se destacar, em mesma intensidade, as representações a respeito da configuração de livros de leitura de boa qualidade no Brasil.

---

alumno; é também o ensino individual de cada um deles, muito embora em classes; é a adaptação do programma a cada typo de educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabatinas e exames; é o emprego de processos especiaes para a correcção de deficiências mentaes; é a educação physica e a educação profissional, caminhando, parallelamente, com o desenvolvimento mental da criança; é a preparação para a vida pratica; é a transformação do ambiente escolar num perene campo de experiência social, do cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da diffusão dos preceitos de hygiene, e, principalmente, dos ensinamentos da puericultura; é, em summa, a escola brasileira, no meio brasileiro, com um só lábaro: - formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente.” In: THOMPSON, Oscar. **Annuario do Ensino do Estado de São Paulo**. Directoria Geral da Instrucção Pública. São Paulo, 1917, p.7.

Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 389-409, Novembro, 2013.

Foi inserido neste contexto político, social, cultural e educacional, em busca da implantação de um ensino de qualidade na instrução pública, no período entre 1935-1938, durante a administração do Diretor Geral do Ensino no Estado de São Paulo, Almeida Junior, que a figura do professor Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, destacou-se pela atuação como Chefe do Ensino Primário e Pré-primário e pela sua inserção no mercado editorial de obras didáticas.

Por ser um profissional atuante no magistério e por ocupar vários cargos administrativos, foi possível encontrar menção ao seu nome em diferentes trabalhos que retratam o contexto histórico da educação brasileira no início do século XX. Embora haja alusão ao nome de Fleury em algumas pesquisas, não constatamos estudos referentes a sua vida ou obras.

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury nasceu em 8 de julho de 1891 na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. Em 30 de novembro de 1910, com apenas dezenove anos, diplomou-se “Professor Normalista” pela Escola Normal Secundária da Praça da República, na cidade de São Paulo. Entregou-se posteriormente ao estudo de filosofia, psicologia, lógica, economia, política, sociologia, direito, entre outros. Faleceu aos 78 anos no dia 8 de maio de 1969 na cidade de São Paulo. Fleury aparece no conjunto de profissionais que compõem a obra *Dicionário de Autores Paulistas* como um profissional atuante e que ocupou diferentes cargos no magistério. É definido por Melo (1954) como contista, escritor de livros para crianças, pedagogo, ensaísta, atuando como professor, diretor, inspetor de ensino, além de assumir funções administrativas. (MELO, 1954, p. 225).

Fleury inseriu-se no cenário dos autores paulistas de livros de leitura a partir da publicação de sua única obra didática, a série graduada de leitura *Meninice* – utilizada como *corpus* de análise, selecionada para o desenvolvimento deste trabalho –, e integrou-se no

panorama político e editorial<sup>5</sup> que marcou a terceira década do século XX, que visou à implantação dos pressupostos de uma pedagogia a partir de um movimento discursivo de legitimação do livro didático nas unidades escolares, como um meio favorável de uniformização do ensino público.

A obra *Meninice* foi publicada a partir de 1936 pela Companhia Editora Nacional, na cidade de São Paulo. Composto por uma cartilha e por quatro livros, de cunho didático, cada volume é destinado a uma série escolar, cuja denominação utilizada na época era *Grau*.

Por constituir-se parte de uma pesquisa em andamento, este trabalho assume por objetivo apresentar alguns resultados já alcançados a partir da análise dos dispositivos tipográficos e textuais que marcam a produção editorial de três exemplares do terceiro volume que compõem a obra *Meninice*. Um exemplar de *Meninice* Terceiro Grau pertence à primeira edição, publicado em 1937, pela Companhia Editora Nacional, outro se refere à 86.<sup>a</sup> edição, com data de 1948 e a 121.<sup>a</sup> edição de 1957.

Para tanto, recorreremos à abordagem teórica da história cultural, que oferece uma possibilidade investigativa das diversas maneiras pelas quais os indivíduos percebem e constroem representações sobre os materiais escritos. Na questão da constituição editorial da materialidade do impresso e dos modos de produção editorial, as proposições de Chartier (1996, 1999, 2002, 2009) oferecem subsídios teóricos que auxiliam a análise dos livros de leitura.

Partimos da premissa de que os escritores deixam impregnados nos escritos, posteriormente, os editores e ilustradores deixam nos impressos, protocolos de leitura indicativos do que e do como se esperam que seus leitores executem o ato de ler. A ação de intervenção editorial sobre o material impresso de acréscimos, de retiradas ou de substituição, torna-se relevante e desafiadora para essa pesquisa ao passo que requer cuidados investigativos ao considerar, também, a quem se destina este material impresso, pois “o estudo das

---

<sup>5</sup>Período da República do Governo Constitucionalista de Getúlio Vargas, tendo como Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema Filho. Olh@res, Guarulhos, v. 1, n. 2, p. 389-409, Novembro, 2013.

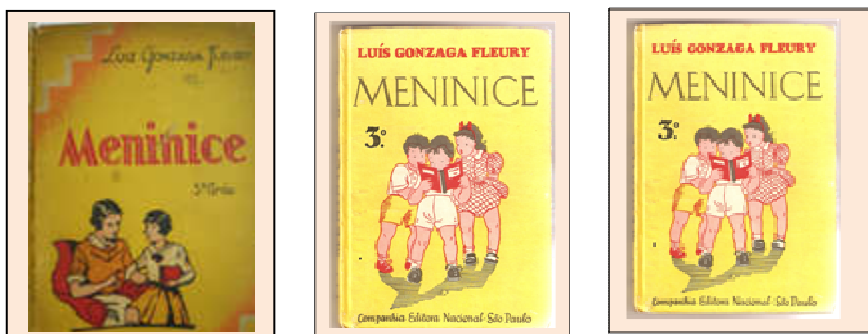
impressões deve ser conduzido com atenção, porque examina um material em que a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial e porque pode revelar a marca, no próprio objeto, das maneiras populares de ler.” (CHARTIER, 1996, p. 99).

Neste sentido, as obras didáticas – no caso, os livros da série graduada de leitura – são elaboradas e produzidas em uma ordem e uma formatação específica de seus escritos, acompanhadas de certos propósitos e interesses do autor, do editor e/ou do ilustrador. Entretanto, torna-se relevante destacar que essas intenções de apresentação e de disposição dos textos elaboradas *a priori*, ou este fio condutor planejado para se obter uma determinada leitura, escapam e adquirem outra existência ao receber as significações que seus diferentes públicos lhe atribuem, as quais perduram, por vezes, durante tempos. Chartier (2009).

Este estudo da série graduada de leitura *Meninice* pretende apontar como este modo de organização da materialidade dos livros se apresenta, ao buscar identificar movimentos de permanência ou de alternância dos dispositivos gráficos e textuais da obra e de que forma essas oscilações (ou não oscilações) podem influenciar a ação do leitor sobre o texto.

### **Ações editoriais que caracterizam o terceiro livro da série graduada *Meninice***

O percurso investigativo possibilitou o encontro de três exemplares do terceiro livro que compõe a série *Meninice*, um referente à 121ª edição de 1957; outro à 86.ª edição, de 1948, e à primeira edição publicada em 1937 – o volume da primeira edição de 1937, pertence ao acervo da Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e os demais são do acervo pessoal da pesquisadora.



**Ilustração 2** - FLEURY, Luiz Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937/ 1948/ 1957.

Frente aos exemplares, a pesquisa se direciona para o procedimento metodológico de conferência e averiguação de alguns aspectos gráficos e textuais que marcam a constituição da materialidade deste impresso. A partir das observações investigativas e comparativas das edições de 1937, de 1948 e de 1957, foi possível identificar indícios de dois movimentos realizados pelo autor ou pelo editor, num período de vinte anos de produção da obra: um identificado como de movimento de alteração e outro de *permanência* dos dispositivos gráficos e textuais.

a) *Movimento de alteração dos dispositivos gráficos e textuais*

A alteração dos dispositivos gráficos pode ser percebida nas mudanças que a obra sofre de uma edição para outra. As primeiras publicações do livro não seguem as mesmas formatações da ilustração da capa e das imagens internas ou mesmo da estruturação da linguagem escrita.

Para Chartier (2002), as alterações que ocorrem na estrutura física dos livros indicam uma relação com os modos de leitura; o mesmo acontece com “a imagem, no frontispício, ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, pois esta classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador.” (CHARTIER, 2002, p.133)

O primeiro elemento de alteração encontra-se na elaboração dos recursos gráficos figurativos da ilustração da capa. O exemplar da



primeira edição, de 1937, de *Meninice* Terceiro Grau, trouxe elementos tipográficos que o distinguiram da 86ª edição, publicada em 1948, e da 121ª edição de 1957. A capa, por exemplo, apresenta ilustrações distintas, a primeira edição composta pela figura de uma mulher – imagem feminina que insinua ser a mãe ou a professora. A criança aparenta estar uniformizada e trazia um livro sob um dos braços. A composição do contexto da imagem sugere uma cena em que ocorre uma conversa ou um discurso de aconselhamento, de orientação da mulher para com a criança, indicado pela fisionomia e pelo olhar austero da personagem direcionado à criança, pelo posicionamento do braço e pela mão fechada com indicador apontando para a menina, foram aspectos figurativos que ao compor a cena, permitem uma ideia de a leitura era compreendida como uma atividade orientada, conduzida e instruída por alguém mais experiente.

A 86.ª edição, de 1948, e a 121.ª edição, de 1957, trazem na capa uma ilustração composta pelo desenho de três crianças: dois meninos e uma menina, aparentando uma idade entre sete a oito anos, aproximadamente, com vestimentas que as caracterizam como crianças. O conjunto formado pelas ilustrações sugeriu uma ideia de infância, de um tempo de “meninice”, de inocência, de ingenuidade, de travessuras e de descontração. A ilustração indica uma cena em que uma das crianças segura um livro aberto, em que todos os personagens estão apreciando, admirando ou realizando uma leitura nas páginas do objeto-livro. O olhar dos personagens se mostra fixo para o interior do livro, indicando uma expressão facial de admiração e envolvimento pelo conteúdo visto, o que insinua a realização de uma ação leitora, em que ambos encontram-se movidos de interesse e de curiosidade pelo texto ou pelas ilustrações ali dispostas.

Ferreira (2009, p. 199) ao estudar sobre as edições de uma obra literária, *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, descreve que há uma representação de leitor que aparece inscrita na obra, no polo da produção editorial, que se altera ao decorrer das edições, com isso

“nas primeiras, é menos marcada a categorização do leitor como escolar, como criança, como imaturo na leitura, etc. E, à medida que se distanciam do momento de produção, as edições incorporam outras marcas, ligadas a um modelo de leitor infantil, naquilo que os editores pensam ser seus gostos, suas expectativas”.

Os aspectos identificados como *diferenciadores*, presentes nas capas da primeira edição de 1937 e 86.<sup>a</sup> edição, de 1948, e a 121.<sup>a</sup> edição, de 1957, do Terceiro livro da série *Meninice*, parece guiado pela finalidade escolar, por apontar este movimento editorial de alteração tendo por guia uma representação de leitor e de práticas de leitura própria de um dado tempo e lugar. A composição do impresso marca-se pela efemeridade e mobilidade, o que confere a possibilidade de variação dos elementos gráficos da obra.

Outro recurso tipográfico utilizado como aspecto de diferenciação foram os escritos da capa, em que a grafia do nome do autor, o nome da obra e da editora alteraram-se da primeira edição de 1937 em relação à 86.<sup>a</sup> edição, de 1948 e da 121.<sup>a</sup> edição de 1957. Embora os escritos apareçam dispostos na mesma sequência, percebe-se que além da utilização de outras tipografias, recorreu-se ao uso de efeitos de cores e de mudança no tamanho das letras.

Foi possível, ainda, elencar aspectos *diferenciadores* em relação à intervenção editorial nas ilustrações internas dos livros. As ilustrações, nos quatro volumes da série *Meninice* e em todas as lições do terceiro volume, foram colocadas numa disposição anterior aos textos, com imagens relacionadas ao enredo da história.

No colorido das ilustrações que acompanham os textos de *Meninice* Terceiro Grau, ocorre uma diferenciação na apresentação gráfica da primeira edição de 1937, para as edições posteriores. Embora a estrutura e a disposição gráfica interna – imagem, texto, vocabulário, gramática e atividades – permanecessem as mesmas, sem sinais de alterações ou intervenção editorial, os desenhos ganham um preenchimento de cor em tom de alaranjado na primeira edição de

1937, diferentemente do que ocorre na 86ª edição de 1948 e na 121ª edição de 1957:



**Ilustração 5** – *Meninice* Terceiro Grau, da esquerda para a direita: página 11 da primeira edição de 1937, 86ª edição e da 121ª edição de 1957.

A ilustração que acompanha o texto *Que mágica!*, na 11.ª página, da 86ª edição e da 121ª edição, além da ausência de cor, sofre a alteração do próprio personagem. O recurso de retirada da coloração das imagens poderia ser um indicativo do movimento editorial de barateamento da obra, mas o recurso de alteração na produção gráfica, marcado pela substituição de um personagem por outro, não ocorre com outras ilustrações internas do livro de *Meninice* Terceiro Grau, nem mesmo nos demais volumes da série. Um aspecto que nos leva a questionar: o que implicou para que esta mudança de um personagem por outro ocorresse?

Outro *aspecto diferenciador* dizia respeito à própria estruturação textual da obra. Houve uma alteração, ou melhor, uma adaptação significativa dos dispositivos textuais em relação à ortografia vigente das palavras, da primeira edição de 1937, para a 86ª edição o que permanece na 121ª edição de 1957. O ajustamento da obra está relacionado ao acordo ortográfico de 1943<sup>6</sup>, em que a Língua Portuguesa, de uma norma mais próxima à grafia do português de

---

<sup>6</sup>“As tentativas iniciais materializaram-se num primeiro acordo, assinado em 1931, que, no entanto, viria a ser interpretado de forma diferente nos vocabulários ortográficos nacionais, entretanto produzidos: em

Portugal, passaria a seguir normas mais próximas à realidade sociolinguística brasileira:



Ilustração 6 - *Meninice* Terceiro Grau, da esquerda para a direita: página 85 da primeira edição de 1937, 86ª edição e da 121ª edição de 1957.

b) *A permanência dos dispositivos textuais e gráficos*

Partindo da ideia de que os livros trazem inscritos, em seus distintos projetos editoriais, especificamente nas edições estudadas, orientações textuais e tipográficas que contribuem para a produção de sentidos por parte do leitor, no momento da leitura. E para seus usuários, os livros possuem textos, imagens, formas, cheiros, tamanhos, trazem protocolos – título, índice, notas de rodapé, referências bibliográficas, autoria, servindo para determinados fins e objetivos; são provocadores de uma determinada leitura, até mesmo quando fechados e ainda não possuídos. Preservar o livro com suas características iniciais parece uma forma oportuna de se preservar modos de ler, modos de conceber a própria a realização da prática de leitura com as séries graduadas nas escolas públicas.

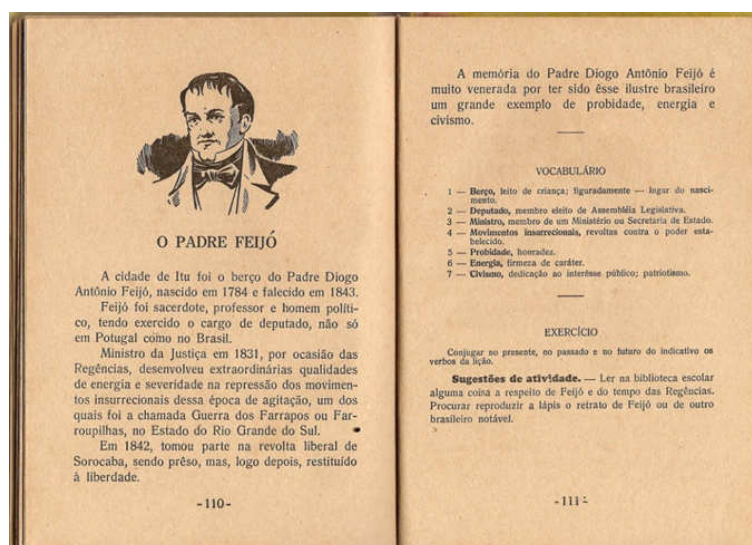
---

Portugal, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1940; no Brasil, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1943, acompanhado de um Formulário Ortográfico. A fim de eliminar estas divergências, foi assinado por ambos os países um novo acordo ortográfico, em 1945, mas este apenas foi aplicado por Portugal, continuando o Brasil a seguir o disposto no Formulário Ortográfico de 1943”. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>, acesso em 21/11/2012.

Outro recurso editorial utilizado na produção da obra *Meninice* foi identificado como um movimento *depermanência* dos dispositivos textuais e gráficos. Os livros apresentam elementos sem quaisquer modificações entre a primeira edição de 1937, a 86.<sup>a</sup> edição, de 1948, e de 121.<sup>a</sup> edição, de 1957, de *Meninice* Terceiro Grau, na composição da obra. O recurso se mostra como um modo de continuidade dos caracteres, conservando as mesmas estruturas ou os mesmos dispositivos tipográficos e textuais que configuram o impresso, ainda que este se referisse à ausência de uma ilustração na composição da página.

A formatação gráfica do corpo textual dos exemplares não sofrem alterações, mantendo 155 páginas e estando composto por 42 textos, conservando a mesma linguagem escrita e ilustrações internas, num período de vinte anos de circulação da obra.

Os modos de organização e de estruturação dos dispositivos textuais da 86.<sup>a</sup> edição de 1948 e da 121.<sup>a</sup> edição de 1957 permanecem os mesmos em relação à primeira edição de 1937. Assim tem-se nos livros da série a seguinte sequência metodológica dos escritos: um texto precedido de uma ilustração e sucedido por um vocabulário. Além dos textos, a obra apresenta, ainda, conteúdos gramaticais, exercícios, sugestões de atividades voltadas para o professor e sugestões de atividades práticas.



**Ilustração 7** - Modo de organização interna das páginas.

No sumário, percebe-se a utilização de um recurso editorial de classificação da correspondência entre texto e ensino da Língua Portuguesa, ao inserir, logo a frente de alguns títulos, o gênero textual ou a identificação do conteúdo gramatical a ser trabalhado naquela lição.

Os textos seguem a lógica da graduação da complexidade da linguagem escrita, visto que se apresentam mais extensos, com uma linguagem mais elaborada no decorrer do mesmo volume. Na relação dos quarenta e dois textos, apresentada no sumário, apenas vinte deles foram escolhidos pelo autor (ou pelo editor), para serem identificados o conteúdo gramatical que neles seria explorado. Entretanto, nos exemplares analisados de *Meninice* Terceiro Grau, não se encontram prefácio, notas restritivas ou explicativas direcionadas ao professor.

ÍNDICE		págs.
1 — Que mágica (Substantivo)		11
2 — O vaso de cravos (Adjetivo)		14
3 — Como se fazem mágicas (Pronome)		17
4 — O caiozinho de José (Verbo)		21
5 — A mosquinha encantada (Advérbio)		25
6 — Araci e seu avô (Proposição)		29
7 — Uma coisa puxa outra (Conjunção)		32
8 — Meu professor (Interjeição)		36
9 — Mente só em corpo são (poesia) (As partes do discurso — Resumo das lições anteriores)		40
10 — O ninho enfeitado. (A sentença)		43
11 — A galinha e os patinhos (Sujeito e predicado)		47
12 — Arriado lá madar-se... (Divisão dos verbos quanto ao sujeito)		51
13 — Um rasgo de coragem — I		56
14 — Um rasgo de coragem — II (Divisão dos substantivos)		59
15 — Martin Afonso e Brás Cubas (Divisão dos verbos, quanto ao complemento)		63
- 9 -		

	págs.
16 — As charadas de título — I	67
17 — As charadas de título — II	70
18 — O padre Anchieta	73
(Divisão dos adjetivos qualificativos)	
19 — Que melado gostoso! (Divisão dos adjetivos determinativos)	76
20 — Amador Bueno (Classificação dos pronomes)	81
21 — Que é o céu? (poesia)	85
22 — Os bandeirantes	88
23 — Na oficina de ferrador	92
24 — Os irmãos Andrada (Proposições simples e complexas)	96
25 — As flores (poesia) (Proposições compostas. Período)	100
26 — Os Chupins e os Tico-ticos — I	103
27 — Os Chupins e os Tico-ticos — II	110
28 — O padre Feijó	112
29 — Indiscreção	115
30 — Os dois frangos	118
31 — O homem	121
32 — Viagem a Santos — I	124
33 — Viagem a Santos — II	127
34 — O aparelho digestivo	130
35 — O mágico e o boneco encantado (Algumas expressões enfáticas)	134
36 — O sonho de Elvira (poesia)	137
37 — O aparelho respiratório	141
38 — Até os animais aprendem — I	144
39 — Até os animais aprendem — II	147
40 — O aparelho circulatório	150
41 — Bom filho — I	153
42 — Bom filho — II	153
- 10 -	

Ilustração 8—Sumário

Apesar de os livros da série *Meninice* seguirem a mesma estruturação tipográfica e textual – com exceção da distinção externa pela coloração – evidencia-se, internamente, que além de uma progressão em relação à extensão e à complexidade de textos utilizados, ocorre uma seleção quantitativa de palavras para a composição do vocabulário, à exposição das sentenças gramaticais e à elaboração das propostas de atividades.

Tal apresentação textual na constituição de diferentes graus das explicitações, visando uma determinada adequação da linguagem escrita à série ou nível de conhecimento intelectual da criança para a organização em lições (textos e conceitos gramaticais), possibilitam a classificação da obra *Meninice* como “série graduada de leitura”.

Os dispositivos editoriais utilizados na organização textual colocam os livros de leitura no campo daquelas obras de destinação claramente escolar, mais especificamente voltados ao trabalho sistemático e progressivo do ensino da leitura, atribuindo-lhe a função de manual escolar. (BATISTA e GALVÃO, 2009).

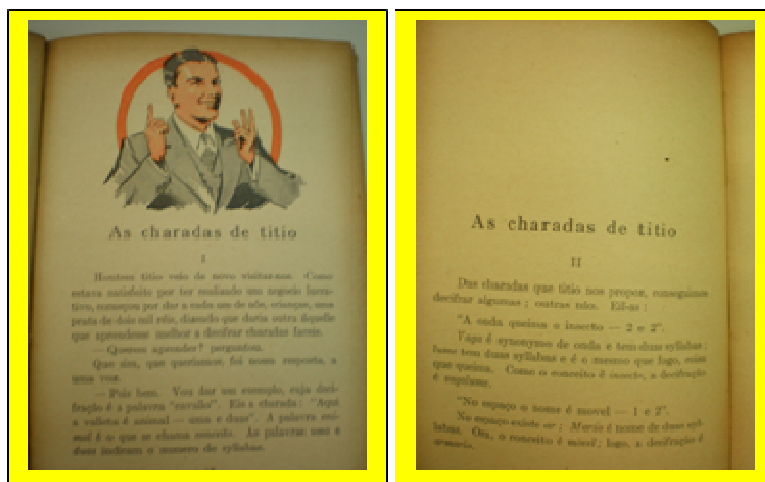
Diferentemente da proposta de outros livros seriados publicados na mesma época, como por exemplo, a série de *Livro de Leitura*, de Firmino de Proença, como nos mostra Maciel (2010), que compôs todos os textos da obra a partir de um mesmo personagem principal, construindo uma saga repleta de aventuras e conflitos, Fleury prefere apresentar uma obra caracterizada pela elaboração de textos em sua série *Meninice*, com histórias únicas, ou seja, textos compostos por um enredo criado de forma independente um do outro, sem estabelecer um único personagem principal, sobre o qual se narram ou se descrevem fatos, ações ou acontecimentos. Os textos apresentam-se formados por diferentes gêneros textuais, como narrativas, contos, fábulas, poemas, textos informativos, textos de Ciências Naturais e Sociais, abordando sobre temas variados como fantasia (ou ficção), situações do cotidiano da criança, comportamentos e atitudes com a finalidade de um trabalho moralizante.

Na elaboração textual da obra *Meninice* autor utiliza um recurso de fragmentação dos textos narrativos, ou seja, uma mesma história aparece dividida em dois textos, recebendo a mesma titulação, diferenciando-se, apenas, pela numeração ordinal: I e II.

Ao manter o título o autor indicaria ao leitor a continuidade da história, cujas ilustrações se mostram distintas do texto inicial. A imagem relaciona-se aos elementos descritos ou pertencentes ao contexto de cada parte da narrativa. No entanto, percebe-se o uso de



um dispositivo tipográfico de exclusão de uma imagem na composição da segunda parte de um texto sequenciado: *As charadas do Titio I e II*, nas páginas 67 e 70. Observa-se que apenas o primeiro texto recebe a ilustração, o mesmo não ocorre com o segundo fragmento da narrativa:



**Ilustração 7** - FLEURY, Luiz Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937, p.67; 70.

De acordo com os estudos de Petrucci (1999, p.171), a produção editorial encontra-se acompanhada por estratégias de transformação da página em algo atrativo, pois

os operadores gráficos ponem em acción determinadas estratégias creativas que transforman em alguna medida los signos que constituyen la escritura usada, exaltan sus aspectos estéticos, multiplican sus elementos ornamentales y decorativos, y transformansu conjunto em um escrito preferentemente sígnico.

Este movimento de configuração da página se utiliza de vários recursos para sua composição, como nos mostra, por exemplo, a pesquisa de Frade (2010) sobre as cartilhas de alfabetização. A autora aponta o uso de clichês tipográficos, de variações de tamanhos e de tipos de caracteres, e conclui que a ilustração, na cartilha, não aparece apenas para ser descrita, mas para ser lida e vista, ou apreciada, passando a ocupar diferentes funções no decorrer da estruturação do impresso.



Percebe-se que na constituição do terceiro volume da série *Meninice*, a equipe editorial parece abrir mão de um recurso tipográfico atrativo, como o uso de imagens, quando prefere não empregar uma ilustração para compor o segundo fragmento do texto. Há uma desconsideração da relação texto-imagem, o que nos permite questionar o que teria tornado a ilustração desnecessária neste fragmento do texto ou na composição desta página. Este ato poderia ser identificado como uma falha dos dispositivos tipográficos ou como uma estratégia editorial?

Se a imagem possibilita uma determinada leitura e a ausência dela permite, de certa forma, e provoca outras condições do ato de ler. Esta lacuna na página torna-se uma estratégia editorial que implica diretamente na ação leitora, visto que, de acordo com Chartier (2009, p.40), “a produção não só dos livros, mas também dos próprios textos, é um processo que implica, além do gesto da escritura, diferentes movimentos, diferentes técnicas e diferentes intervenções”.

A observação dos exemplares indica a ocorrência de uma intencionalidade na utilização de recursos *diferenciadores* e de recursos *permanentes* na elaboração editorial de uma edição para outra, em forma de adaptação, de alteração ou de exclusão na composição das ilustrações e na produção dos escritos que integram a obra.

### Considerações inacabadas

A partir da análise inicial realizada sobre os três exemplares do terceiro livro da série *Meninice*, pode-se compreender que um texto não existe fora da materialidade que lhe dá para ler, como nos esclarece Chartier (2009, p. 41) “um texto sempre se dá a ler ou escutar em um de seus estados concretos”.

As observações dos exemplares sinalizam que a utilização de recursos *diferenciadores* e de recursos *permanentes* na elaboração editorial de uma edição para outra, manifestam-se em forma de

adaptação, de alteração ou de exclusão na composição das ilustrações e na produção dos escritos que integram a obra.

Os aspectos *diferenciadores* na composição do impresso marcam-se pela instabilidade, pela possibilidade de variação dos elementos gráficos da obra. As ilustrações que compõem as capas dos volumes diferem-se da primeira para a 86.<sup>a</sup> edição de 1948 e da 121.<sup>a</sup> edição de 1957, e esta distinção das imagens remete a representações de práticas de leitura distintas. A imagem da capa da primeira edição remete a uma prática de leitura marcada pela orientação, obrigatoriedade e seriedade, que não acontece de forma espontânea, mas conduzida por alguém mais experiente. Já a 86.<sup>a</sup> edição e a 121.<sup>a</sup> edição apresentam uma imagem de leitura marcada pela espontaneidade, pela leitura deleite e fruição, que pode ocorrer em diferentes lugares, não apenas na individualidade, mas em conjunto, de forma compartilhada.

Por retratarem atos diferentes da ação leitora, as imagens nas produções editoriais dos livros da série *Meninice*, indicam uma apresentação de leitura, também, distinta, um recurso que permite considerar que “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (CHARTIER, 2009, p.52)

Outro aspecto identificado foi o uso de recursos *permanentes* na composição da obra, ou seja, marcas de continuidade dos elementos, das mesmas estruturas ou dos mesmos dispositivos tipográficos e textuais que configuram o impresso.

Nesta direção, os livros trazem inscritos, em seus distintos projetos editoriais, especificamente, nas edições estudadas, orientações textuais e tipográficas que contribuem para a produção de sentidos do leitor no momento da leitura. Se a história das práticas de leitura pode ser considerada uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras, a nossa proposta de pesquisa, ainda inacabada,

entende que a série *Meninice*, carrega em suas páginas dispositivos tipográficos e textuais que incitam a necessidade de se estender e de se aprofundar os estudos referentes à materialidade do impresso, bem como compreender o quanto o discurso pedagógico presente no texto impresso pode ser revelador de representações de leitura e de práticas de culturais e sociais de atividades leitoras.

## Referências Bibliográficas

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história.** Campinas: Mercado de letras, 2009.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (Org.) **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações.** Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: *Difel*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Um Patriotismo são: lições de história para a Escola primária. Um estudo na série de leitura graduada “Pedrinho” de Lourenço Filho (décadas de 50/70 do século XX). **Revista Linhas.** Florianópolis, v.12, n.01, p.154-169, jan/jun, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Um estudo das edições de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. **Revista Proposições.** Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 183-203, maio/agosto, 2009.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilha Proença e leitura do principiante de Antônio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagógicas. In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (org.). **Antônio Firmino de Proença: professor, formador, autor** (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946). São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. A série de leitura graduada de Firmino Proença nas escolas primárias na primeira metade do século XX. In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (org.). **Antônio Firmino de Proença: professor, formador, autor** (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946). São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

MELO, Luís Correia de. **Dicionário de autores paulistas.** Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Gráfica IrmãosAndrioli S.A., 1954.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad.** Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

PFROMM, NETTO; et. al. **O livro na educação.** Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

THOMPSON, Oscar. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.** Directoria Geral da Instrução Pública. São Paulo, 1917, p.7.

### Obra analisada

FLEURY, Luiz Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. Terceiro Grau.

\_\_\_\_\_. **Meninice**. 86.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro Grau.

\_\_\_\_\_. **Meninice**. 121.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Terceiro Grau.